

Dr. Robert A. Peterson, Humanidade e Pecado, Sessão 17, Pecado Original, Plágio e Arminianismo

© 2024 Robert Peterson e Ted Hildebrandt

Este é o Dr. Robert A. Peterson em seu ensinamento sobre as Doutrinas da Humanidade e do Pecado. Esta é a sessão 17, Pecado Original, Plágio e Arminianismo.

Continuamos nosso estudo sobre a doutrina do pecado com o Pecado Original, e peçamos a ajuda do Senhor.

Pai gracioso, pedimos que nos ajude enquanto estudamos essas questões difíceis. Agradecemos por ser um Deus bom que criou um mundo bom. Não entendemos completamente a intrusão do pecado e da morte nele, mas sabemos que essas são realidades. Abençoe-nos enquanto buscamos entender a origem do pecado, mesmo em nossas próprias vidas. Nós te louvamos por Jesus Cristo, nosso Senhor. Amém.

Romanos 5:12 a 21 é justamente considerado o texto clássico sobre o pecado. Portanto, assim como o pecado entrou no mundo por meio de um homem, Adão, e a morte pelo pecado, e assim a morte se espalhou para todos os homens porque todos pecaram, minha voz se levanta porque Paulo dá uma cláusula if sem a cláusula then seguinte. Ele não completa a comparação.

Sua mente vai para como o pecado de Adão, que trouxe pecado e morte ao mundo, afetou a humanidade. Ele diz, pois, porque, versículo 13, o pecado de fato estava no mundo antes que a lei fosse dada. Do próximo versículo, sabemos que significa a lei de Moisés.

Mas o pecado não é contado onde não há lei. Vimos cinco visões disso, o que foi uma construção muito difícil. Meu entendimento é que o pecado estava na lei, no mundo, antes que a lei fosse dada.

Mas o pecado não é contado onde não há lei como é onde há uma lei porque a lei torna o pecado óbvio, distinto e culpável. No entanto, a morte reinou de Adão a Moisés, mesmo sobre aqueles cujo pecado não foi como a transgressão de Adão. Há uma similaridade entre o pecado de Adão e o dos israelitas após a entrega da lei no Monte Sinai porque Deus deu no jardim uma proibição.

Você pode comer de todas as árvores do jardim, exceto da árvore do conhecimento do bem e do mal. No dia em que você comer dela, você morrerá, uma proibição distinta. Não houve nada parecido com isso do Éden até o Sinai, depois do Sinai.

Oh , meu Deus. Oito não e dois não . É como todo mundo faz.

Mas entre, aparentemente, 13 e 14, não há dúvida de que eles explicam melhor 12 por causa da palavra que começa com 13. Como eles explicam é debatido. Mas o próprio Paulo diz que as pessoas entre esse tempo não pecaram da mesma forma que Adão pecou ao quebrar um mandamento definido de Deus.

Especificamente, um comando negativo, uma proibição. Você poderia contabilizar, nós poderíamos contabilizar a presença do pecado naquele período. No entanto, o que Paulo aparentemente atribui ao pecado de Adão não é realmente a presença do pecado porque o salário do pecado é a morte.

Isso explica. Mas é a dominação do pecado, o reinado do pecado e da morte. Muito importante, no final de 14, lemos que Adão era um tipo daquele que viria.

Adão é um tipo de Cristo. Esta é a chave para Paulo terminar a cláusula condicional inacabada do versículo 12, que ele só termina nos versículos 18 e 19. Assim que ele diz que Adão e Cristo são semelhantes, Adão é uma prefiguração de Cristo no Antigo Testamento.

Imediatamente, ele sente que deve colocar uma distância entre eles, para que não manche a reputação de Jesus, é o meu entendimento. Porque os próximos três versículos, 15, 16 e 17, não mostram como eles são semelhantes, mas como são diferentes. 15, mas o dom gratuito da justiça e da vida eterna não é como a transgressão de Adão.

Pois se muitos morreram pela transgressão de um só homem, os de Adão, é claro, muito mais têm a graça de Deus, e o dom gratuito pela graça daquele homem, Jesus Cristo, abundou para muitos. 16 mostra novamente que Adão e Cristo e seus resultados não são semelhantes. O dom gratuito não é o resultado do pecado de um homem.

Pois o julgamento que se seguiu a uma transgressão de Adão no Jardim do Éden trouxe condenação. Mas o dom gratuito que se seguiu a muitas transgressões, ele distingue um pecado de Adão, trazendo condenação a todos, com muitos pecados pelos quais Cristo expiou. O paralelismo não é perfeito porque o pecado único e os muitos pecados operam de forma diferente em suas cláusulas, mas é claramente uma comparação do um e dos muitos.

Mas o dom gratuito após muitas transgressões trouxe justificação. Se, por causa da transgressão de um só homem, a morte reinou por meio desse homem, muito mais aqueles receberão a abundância da graça e o dom gratuito da justiça em vida por meio de um só homem, Jesus Cristo. Isso novamente mostra que Adão e Cristo são diferentes.

Desta vez nos reinados que eles instituem. Adão trouxe um reinado de pecado e aqui especificamente, morte. Adão trouxe um reinado, Cristo, desculpe-me, o segundo e último Adão Cristo trouxe o reinado da vida, mas não diz que a vida reina.

Diz que aqueles que creem em Cristo reinam. Aqueles que recebem a abundância da graça e o dom gratuito da justiça reinam em vida por meio de um homem, Jesus Cristo. Esse versículo é significativo por outra razão.

A passagem é inteiramente objetiva, exceto pela segunda parte dos primeiros 17. O que você quer dizer? A passagem inteira fala sobre os dois Adãos e suas ações e os resultados que vêm delas. Mas aqui, a única vez que fala de subjetividade, diz que aqueles que recebem a abundância da graça e justificação, o dom gratuito da justiça, reinarão.

Então, aqui está o fluxo de pensamento mais uma vez. No versículo 12, Paulo começa uma comparação e não a termina. De alguma forma, os versículos 13 e 14, promovem o fato de que o pecado de Adão afetou outros, a raça humana.

O final de 14 diz que Adão é um tipo de Cristo. E essa é a chave para terminar a cláusula comparativa inacabada do versículo 12. No entanto, Paulo não zera imediatamente a similaridade entre Adão e Cristo, mas sente a necessidade de colocar uma distância entre eles.

Então, em 15, 16 e 17, ele diz que eles não são iguais. Em 18, ele retorna à tese de 12 e, dessa vez, finaliza a comparação. Portanto, assim como uma transgressão levou à condenação para todos os homens, assim um ato de justiça levou à justificação e à vida para todos os homens.

19 repete esse pensamento com alguma variação de vocabulário e imagens, pois pela desobediência de um homem, muitos foram feitos pecadores. Então, pela obediência de um homem, muitos serão feitos justos. Aqui temos Paulo terminando sua conclusão inacabada de 12.

Uma transgressão resultou na condenação da raça humana. Um ato de retidão, uma referência à morte de Cristo na cruz, leva à justificação. E o livro-razão está desequilibrado.

Se ele tivesse dito apenas justificação, isso teria sido equilibrado com condenação, mas ele inclina dessa forma ao dizer justificação e vida para todos os homens. O fato de ele dizer todos os homens duas vezes é um problema, e retornaremos muito em breve porque o próximo versículo diz muitos duas vezes. Pois, assim como pela desobediência de um só homem, Adão no jardim, muitos foram feitos pecadores.

Então, pela obediência de um homem, a obediência de Jesus até a morte, Filipenses 2, até a morte de cruz. Então, pela obediência de um homem, muitos serão feitos justos. O que fazemos com tudo isso, todos em 18, muitos, muitos em 19? Não absolutizamos nenhum deles.

Não podemos escolher. Não podemos ter nosso bolo e comê-lo também. Por exemplo, se dissermos, olhe para isso.

A transgressão de Adão trouxe condenação a todos os homens. É o que diz em 18 e 19. Pela obediência de Cristo, muitos serão feitos justos.

Isso se encaixa perfeitamente em nossa teologia, e Paulo não está contradizendo isso, mas não é isso que ele está fazendo. Se lermos assim, eu lhe direi como os universalistas leem 18, que é um de seus textos de prova favoritos. Por um ato de justiça, todos os homens serão justificados.

É o que dizem. É o que diz. E eu não conheço ninguém que diga isso.

Em 19, por causa do pecado de Adão, apenas muitos foram feitos pecadores. Você quer dizer que alguns seres humanos não são contaminados pela queda? Caramba. Então, aqui está o acordo.

Paulo não está se contradizendo no espaço de dois versos. Ele não está contrastando quando diz todos. Não é todos contra muitos.

E quando ele diz muitos, ele não está se corrigindo. Não são muitos em oposição a todos. Em cada caso, é o único homem, Adão, e todos os que pertencem a ele.

O segundo é Adão Cristo e todo o seu povo. É Adão e os muitos que constituem seu povo. É Cristo e os muitos.

Isto é, ele compara os dois Adãos e demonstra com belas palavras e bela prosa os efeitos catastróficos de uma única ação deles. Eva pecou primeiro. O pecado original não vem de Eva.

Cristo fez muitas coisas maravilhosas, incluindo ressuscitar dos mortos. Mas isso se concentra em seu único ato de retidão, seu único ato de obediência, que todos os comentaristas concordam que fala de sua morte na cruz. Claro, sua ressurreição salva, e isso deve ser implícito.

Mas simplesmente não é o foco dessas palavras. Mais uma coisa a dizer é que normalmente pensamos na justificação como presente, e de fato ela está, mas em seu sentido mais técnico e apropriado, como qualquer outro aspecto da salvação, ela pertence ao último dia. Nós a encontramos aqui.

Então, pela obediência de um só homem, muitos serão feitos justos. Há uma referência à justiça em Gálatas 6 que se encaixa nesse mesmo padrão. Veja o comentário de Doug Moore sobre Gálatas e as palavras de Jesus no evangelho que diz, por suas palavras, você será condenado; por suas palavras, você será justificado.

Justificado, vindicado, absolvido, é tudo a mesma coisa. E nesse contexto, último dia, condenação, justificação, está falando de justificação futura. Então, estamos justificados agora ou não? Sim, estamos.

Mas aqui está a parte maravilhosa disso. Como João 3:16, 17 e 18 mostram, sem usar a palavra justificar, Deus não enviou seu filho ao mundo para condenar o mundo, mas para salvar o mundo por meio dele. Todo aquele que não crê já foi condenado.

Todo aquele que crê não é condenado. Todo aquele que crê no Filho de Deus não é condenado. Todo aquele que não crê já foi condenado.

Os vereditos do último dia são esclarecidos no evangelho. E se cremos no Senhor Jesus Cristo, Deus nos declarou justos agora, na perspectiva do veredito do último dia. Esse é um resumo muito breve, até o versículo 19.

20, agora a lei veio para aumentar a transgressão. Às vezes Paulo apresenta a lei como uma instigadora do pecado. Mas onde o pecado aumentou, a graça superabundou ainda mais.

Contrastando pecado e graça, e seu aumento, de modo que, assim como o pecado reinou na morte, há aquela ideia novamente, a graça também pode reinar através da justiça, levando à vida eterna através de Jesus Cristo, nosso Senhor. Este gráfico que apresentamos da última vez, eu queria apenas resumir essa exegese porque é complicado, e você pode se perder muito facilmente. O gráfico compara o contraste Adão Cristo de Romanos 5:12 a 21.

Há os dois Adãos na extrema esquerda, e os títulos acima são seus atos, seus respectivos atos. O veredito de Deus em relação aos seus atos e os resultados obtidos do veredito de Deus sendo pronunciado em seus atos singulares. Paulo usa três palavras diferentes para o ato de Adão.

Ele chama isso de pecado, transgressão ou transgressão. Parecem ser; as traduções variam, mas são sinônimos. Pecado, transgressão e desobediência.

Eu só uso pecado como um resumo. Adão pecou no Jardim do Éden, não no de Eva. Adão é a cabeça, e ela não é a cabeça.

Adão pecou no Jardim do Éden é o pecado original. Não apenas o primeiro pecado, ignorando o de Eva agora, mas o pecado que faz com que todo o resto da humanidade, Jesus aceitou por causa da concepção virginal, nascer pecador, e consequentemente pecar, e ser descrito de todas aquelas maneiras que o ensaio de John Mahoney fez, no que diz respeito ao que é pecado. A bagunça, o emaranhado, a hediondez do pecado vem do primeiro homem.

Qual é o veredito de um Deus justo e santo sobre o pecado de Adão? Não há dúvida. Há apenas um veredito. Culpado, condenado, condenável, condenação é uma boa palavra teológica.

Não há outro veredito possível. Deus negaria a si mesmo se olhasse para o outro lado ou dissesse, bem, meninos serão meninos. Ele não pode fazer isso.

E o resultado, consistentemente nesta passagem, é a morte. A escritura física também envolveria a morte espiritual: a morte e suas várias ramificações.

Cristo é o segundo homem, 1 Coríntios 15, o segundo homem, o último Adão. Teólogos usam a terminologia segundo Adão para falar dessas ideias. Ele é apenas o segundo ser humano tornado justo, e ele é o cabeça de uma raça de seu povo, a raça dos redimidos.

Adão é o cabeça natural da raça humana, sem dúvida. Vou tentar descobrir como ele é o cabeça da raça humana em termos de pecado original. Essa é nossa tarefa nesta palestra e provavelmente na próxima.

O ato de Cristo correspondente ao pecado, desobediência e transgressão de Adão é chamado de retidão. Um ato de retidão por meio da obediência de um homem, versículo 19: retidão e obediência.

Aqui está talvez a pergunta mais importante porque a passagem realmente é sobre justificação. Que veredito um Deus santo e justo deve dar à luz da obediência de Jesus até a morte, até a morte de cruz, à luz da justiça de Jesus, um ato de justiça em sua crucificação? Não há dúvida. Um Deus santo e justo, falo reverentemente, deve declarar justo todo aquele que crê em Jesus.

Aqui está o evangelho da Reforma. Aqui está a garantia da salvação. Você quer me dizer que algum pecador imundo, um assassino, que crê em Jesus, que Deus deve declará-lo justo? É exatamente isso que quero dizer. Caso contrário, o pai se negaria e não respeitaria a obra de seu filho.

Não há dúvida sobre isso. Mesmo que Deus deva condenar o pecado de Adão, ele deve, falo reverentemente, não há pressão externa ou lei sobre Deus. É porque Deus é santo e justo.

É porque ele é Deus. E ele honra a obra de seu filho, que ele planejou e o enviou ao mundo para realizar. E não queremos deixar o Espírito Santo de fora.

Hebreus diz que Cristo se ofereceu a Deus por meio do espírito eterno. A Trindade deve ser declarada justa para qualquer pecador que olha para a cruz e crê em Jesus. O resultado? Vida eterna, é claro.

Esse pequeno gráfico fala muito sobre a doutrina do pecado original. Antes de olharmos para as visões do pecado original, eu gostaria que tivéssemos um pequeno pano de fundo histórico teológico com a ajuda do simplesmente brilhante e piedoso anglicano evangélico Gerald Bray.

É um privilégio conhecê-lo pessoalmente. Que homem de Deus. Um solteiro que usa seu tempo.

Bem, ele também é um gênio, e isso ajuda. Não consigo contar os livros dele. Ah, cara.

Ele tem uma seção em um capítulo sobre pecado na teologia histórica. Neste livro maravilhoso chamado *Fallen, A Theology of Sin*. Estou falando com ironia porque coeditei o livro com Christopher Morgan.

Pecado na Ordem do Criador. Portanto, não deveria ser nenhuma surpresa descobrir que a passagem bíblica mais frequentemente comentada na igreja primitiva era Gênesis 1-3. Que é o relato da criação, queda, pecado e queda da humanidade.

Praticamente todos os pais da igreja escreveram longamente sobre este texto fundamental. E alguns o fizeram mais de uma vez. Agostinho de Hipona, Santo Agostinho, que não escreveu muitos comentários sobre a Bíblia.

Salmos e João, Sermão da Montanha. No entanto, nada menos que quatro tratados sobre esse assunto foram escritos. O que nos dá uma boa indicação de quão importante era para ele.

Ele escreveu dois livros contra os maniqueus, o antigo culto de filosofia religiosa em que ele estava, um comentário inacabado sobre o sentido literal de Gênesis, os livros finais de suas Confissões e os doze livros de um comentário literal sobre Gênesis, escritos entre 401 e 403, apenas para colocar algum tipo de data nisso. Esses são seus escritos finais sobre o assunto. Apesar de suas diferenças aparentes, a tendência geral desses tratados é a mesma.

Agostinho diz que a criação é boa, que o pecado é uma corrupção ou distorção daquela bondade original, e que uma vez que o pecado ocorreu, não há como se

livrar dele a não ser pela intervenção divina. No entanto, por mais que lamentemos por ele, por mais que tentemos consertá-lo, por mais que desejemos ser sem pecado, nada disso é possível sem a graça de Deus livremente dada a nós na pessoa de seu Filho, Jesus Cristo. Somente morrendo espiritualmente para as forças deste mundo e nascendo de novo em Cristo, um ser humano pode superar o poder do pecado nesta vida, em sua vida, e esperar herdar o reino de Deus.

Como foi entendido pelos pais da igreja, o pecado é uma condição que herdamos de nossos primeiros pais, Adão e Eva, que desobedeceram a Deus no Jardim do Éden e foram expulsos dele por essa razão. Mas se o pecado deles foi culpa deles, não foi ideia deles. Acima e além do pecado dos primeiros seres humanos, havia um poder do mal que os atraiu para ele pela tentação.

Esse poder foi personificado em Satanás e seus anjos, que se rebelaram contra Deus em algum momento antes da criação do mundo. Por que Deus não os destruiu imediatamente e por que Satanás foi autorizado a tentar a humanidade a segui-lo em sua rebelião eram mistérios que ninguém conseguia resolver, embora estivesse claro que eles correspondiam à experiência humana. Ser purificado do pecado era, portanto, entrar em guerra espiritual com Satanás, o príncipe do mal, que continua a fazer tudo em seu poder para nos tentar de volta ao seu reino.

No final, Satanás será destruído, mas até que isso aconteça, o mal será uma realidade com a qual temos que lutar e contra a qual teremos que ser protegidos. Isso não torna inevitável que um cristão peque, mas é um lembrete de que nossa pecaminosidade inata vem do fato de que nascemos no reino de Satanás e que a pecaminosidade continua a nos expor aos perigos inerentes às tentações do diabo. Mesmo que tenhamos sido libertados do poder do pecado, nossas inclinações naturais continuam a fazê-lo parecer atraente para nós e a servir como um lembrete de que não podemos viver sem o poder salvador de Cristo.

Ele é um escritor claro, não é? O que exatamente é pecaminosidade em oposição aos atos pecaminosos que cometemos? Seguindo a tendência pagã grega de igualar pecaminosidade com finitude e finitude, muitos dos pais da igreja pensavam nisso como uma fraqueza inerente à nossa constituição humana. Para suas mentes, o mal era uma falta, uma ausência ou uma privação de bondade que é a consequência natural da nossa separação de Deus. Eles raciocinam que, como Deus é um bem supremo, ser separado dele é perder essa bondade.

O resultado é pecado, ou mais precisamente, uma condição de pecaminosidade. Pensamentos e ações malignas, ou o que chamaríamos de pecados reais, são a consequência inevitável dessa separação de Deus e alimentam nossa inclinação natural de ir o mais longe possível dele e de sua bondade. Aqueles que se recusam a se submeter à vontade de Deus estão inclinados à autodestruição e serão destruídos por causa disso.

Se essa destruição é aniquilação total ou punição eterna era menos claro para os pais, mas os poucos que discutiram o assunto preferiram a punição eterna porque era mais consistente com a natureza de Deus. A razão para isso era que Deus não odeia nada que ele fez e, portanto, preservará até mesmo as criaturas mais rebeldes em existência, preservá-las em existência porque ele as ama como uma de suas criaturas. Mas manter tais almas em existência também as impede de realizar seu desejo de autodestruição, que é, portanto, sentido por essas almas como um tormento.

Deus é sempre gentil e amoroso com sua criação, mas aqueles que foram cegados por sua desobediência a ele não apreciam isso e experimentam seu amor como punição por sua pecaminosidade. Não sei se eu diria isso exatamente como ele disse. Dou-lhe crédito por defender a punição eterna em uma igreja anglicana onde até mesmo os liberais ensinam o universalismo, e Bray me disse que os evangélicos lutam pelo aniquilacionismo ou punição eterna.

A situação americana é diferente. Não se pode ser um ministro; você pode ser um membro da igreja, mas não um ministro em boa posição na Convenção Batista do Sul, Igreja Evangélica Livre ou Igreja Presbiteriana na América. Se você não se apegasse à punição consciente eterna para os perdidos, a doutrina histórica do inferno.

Eu seria mais forte nisso do que o Dr. Bray, por quem tenho grande respeito. Ele é meu professor por seus escritos. Como o apóstolo Paulo disse na citação de Coríntios, a pessoa natural não entende as coisas do Espírito de Deus, 1 Coríntios 2:14.

A ideia de que o pecado era essencialmente uma falta ou privação do bem era comum na igreja primitiva e permaneceu como a visão dominante no Oriente. Um elemento-chave da visão ortodoxa oriental é que o pecado de Adão trouxe a morte ao mundo, e é por causa de sua mortalidade que todos os seus descendentes pecaram. Eles baseiam isso em sua interpretação de Romanos 5:12, que eles leem como, entre aspas, o pecado entrou no mundo por meio de um homem e a morte pelo pecado.

E assim a morte se espalhou para todos os homens porque todos pecaram. A correção desta tradução depende do significado da frase grega ambígua, que é traduzida como *for which reason* pelo Oriente nas igrejas, mas como *because* pela maioria das pessoas no Ocidente. Qualquer significado é teoricamente possível e, portanto, qual deles é preferível precisa ser determinado por outros critérios.

Por exemplo, podemos dizer que Adão era imortal antes de cair e que o pecado trouxe mortalidade ao mundo? Todos concordam que Adão morreu como resultado

de seu pecado, mas isso não é a mesma coisa que dizer que o pecado o fez perder sua imortalidade original. Afinal, Satanás era imortal, mas ele não perdeu essa qualidade quando pecou. Por outro lado, o homem Jesus Cristo era mortal, mas isso não o impediu de ser sem pecado também.

A relação entre pecado e morte, portanto, parece ser mais complexa do que as igrejas ortodoxas orientais, ou pelo menos o que os teólogos representativos permitiram. Adão não foi criado como um ser imortal, mas no Jardim do Éden ele foi protegido contra a morte. Quando ele caiu, essa proteção foi removida, e ele sofreu as consequências, pois sua natureza foi autorizada a seguir seu curso.

É, portanto, preferível dizer que o pecado é a causa da morte e não o contrário, como a maioria dos padres orientais aparentemente afirmava. O principal desafio desse ponto de vista nos tempos antigos, e aqui estamos chegando às visões do pecado original, veio da pena de Agostinho de Hipona, que foi forçado a voltar sua atenção para ele por causa do ensinamento de Pelágio, um monge britânico que estava fazendo um nome para si mesmo em Roma por volta do ano 418. Pelágio parece ter ensinado algo muito semelhante à doutrina oriental do pecado delineada acima.

Como seus colegas orientais, Pelágio se recusou a aceitar a ideia de que poderia haver algo como culpa herdada. No entanto, ele parece ter ido mais longe do que eles ao negar que haja qualquer pecado herdado. Insira suspiro neste ponto.

Ele obviamente não podia negar o legado da mortalidade, mas parece ter dissociado isso da pecaminosidade a ponto de ser possível para alguém com boas intenções salvar-se por seus próprios esforços. É por isso que o pelagianismo tem má fama. Não chame seu amigo arminiano de pelagiano.

Isso é muito cruel e impreciso. Em reação a isso, Agostinho escreveu uma série de tratados incisivos nos quais exaltava a necessidade da graça de Deus para a salvação e negava que alguém pudesse chegar a Deus sem ela. O pelagianismo foi devidamente condenado pela Igreja Ocidental, mas sua influência permaneceu forte.

E até mesmo os reformadores protestantes achavam que era um dos principais obstáculos que eles tinham que superar em sua pregação do evangelho. Então Lutero chamou seus oponentes católicos de pelagianos. Isso pode ser visto na Confissão de Augsburg, um símbolo luterano primário, que foi elaborado em 1530 como a primeira grande declaração da doutrina protestante.

Diz, citação, Condenamos os pelagianos e outros que negam que a falha original é o pecado e, para dissipar a glória do mérito e os benefícios de Cristo, argumentam que o homem pode ser declarado justo diante de Deus pela força de sua própria razão, citação próxima. A luta contra Pelágio deu uma nova vantagem às questões de

pecado e graça na Igreja Ocidental e a forçou a reconsiderar o que era o pecado e como ele deveria ser tratado na vida do cristão. Em particular, fez com que os teólogos cristãos ocidentais subsequentes, acima de tudo, quase todos os quais, desculpe-me, se viam como expoentes modernos de Agostinho, vissem que, em algum sentido, pelo menos, o pecado era uma coisa por si só e não meramente uma ausência do bem, como as igrejas orientais ensinavam.

Visões do pecado original, Pelagianismo, Arminianismo e Calvinismo têm subconjuntos diferentes. Pelagianismo, ofendido com a imoralidade, não com a imortalidade, ofendido com a imoralidade do final do século IV e início do século V, o monge britânico Pelágio exortou os cristãos professos a viver vidas piedosas. Para promover a piedade, ele enfatizou fortemente o livre-arbítrio dos seres humanos.

O homem foi criado com liberdade de escolha, e a queda de Adão não mudou isso. Pelágio era um criacionista, lembre-se, você recebe sua alma de seus pais; criacionismo, Deus cria a alma no momento da concepção de um ser humano no útero de sua mãe. Pelágio era um criacionista que sustentava que cada alma humana é uma criação especial de Deus, não contaminada por corrupção ou culpa.

O pecado de Adão afetou seus descendentes porque o primeiro homem deu um mau exemplo. Essa é uma visão fraca do pecado, de fato. Bebês não nascem pecadores, mas podem ser inclinados a um estilo de vida pecaminoso ao desenvolver maus hábitos.

É simplesmente incrível como todos esses bebês seguem maus exemplos. Na verdade, Pelágio citou certos personagens bíblicos, especialmente aqueles que têm apenas alguns versículos sobre eles, como exemplos de pessoas que nunca pecaram. Enoque? Eu não citaria Noé, mas acredito que ele o fez.

Talvez Jó? Não é uma atitude sábia. Parece que seguir maus exemplos é universal. Como você explica isso? Nenhuma graça especial de Deus é necessária para que o homem seja salvo.

Ele não viu graça na Bíblia? Ah, sim, ele viu. E aqui está como ele a definiu. Graça era a lei, o exemplo de Jesus e o livre arbítrio dos seres humanos.

Meus amigos, essas coisas não são graça. Caramba! Graça é o amor externo e o poder de Deus que nos transforma, nos salva e faz por nós o que não podemos fazer por nós mesmos. Nenhuma graça especial de Deus é necessária para que o homem seja salvo.

Todo mundo tem a lei. Bem, nem todo mundo, mas as pessoas que têm a lei, têm a lei, por exemplo, Jesus, e todo mundo tem livre-arbítrio, que ele entendeu como liberdade libertária, incluindo a liberdade moral de escolher Deus. Todo mundo é

capaz por si mesmo de cumprir os mandamentos de Deus e, assim, manter sua posição justa diante dele.

Vou dizer no final, embora Adão tenha sido um mau exemplo, esta não é uma visão do pecado original, porque não ganhamos nada de Adão além de seu mau exemplo. Caramba! Mais uma vez, vou dizer, não chame seus amigos de pelagianos. Lutero nunca foi conhecido por tato.

Ele provavelmente deveria tê-los chamado de semi-agostinianos e nem mesmo semi-pelagianos, mas isso é outra questão. Na verdade, pode ser bom chegar a esse ponto. Arminianismo.

Aqui, não estamos preocupados com os detalhes da doutrina do pecado original de James Arminius. Em vez disso, queremos saber as visões de seus sucessores teológicos. Uma força-tarefa foi comissionada pelo Good News Movement, que era um grupo conservador de metodistas da United Methodist Church, para preparar uma declaração da teologia wesleyana conservadora contemporânea.

A declaração de fé resultante é conhecida como Afirmação Junaluska, em homenagem ao lago com esse nome na Carolina do Norte, Junaluska, onde a declaração foi adotada em 1975. Paul A. Mickey, um conhecido teólogo metodista, escreveu um comentário sobre a Afirmação Junaluska chamado *Essentials of Wesleyan Theology*, Zondervan, 1980. Usarei a Afirmação Junaluska e o comentário de Mickey como bases para expor a posição arminiana de forma justa e precisa.

A posição arminiana conservadora afirma a corrupção da humanidade. “Desde a queda de Adão, a corrupção do pecado permeou cada pessoa e se estendeu aos relacionamentos sociais, aos sistemas sociais e a toda a criação.”

Junaluska Affirmation. Além disso, então eles não são pelagianos, certo? Adam não é apenas um mau exemplo. Corrupção.

Eles não disseram culpa, mas corrupção. Além disso, nossos irmãos e irmãs arminianos ensinam que essa corrupção, os irmãos e irmãs arminianos conservadores ensinam, a corrupção torna a posição do pecador, a resposta positiva a Deus, impossível. “Essa corrupção é tão penetrante que não somos capazes de resposta positiva à oferta de redenção de Deus.” Incapacidade. Espere um segundo.

Metodistas ensinam incapacidade? Segurem seus cintos de segurança. Vocês verão. Por causa disso, a obra de convencimento do Espírito Santo é necessária para que as pessoas sejam salvas. Citação, exceto pela graça preveniente ou preparatória de Deus.

Fechar citação. Mickey continua explicando que somente a obra do Espírito capacita as pessoas a serem salvas. Tradicionalmente, os arminianos sustentam que essa graça preparadora de Deus é universal.

Ela oferece a todas as pessoas a possibilidade de salvação. Este é o melhor arminianismo evangélico. Esta noção de graça preveniente universal na verdade remonta a Arminius.

Ele não o chamou assim. E Wesley, que o chamou assim, é na verdade um golpe brilhante.

Porque de Adão, os pecadores nascem pecadores e incapazes de salvar a si mesmos. Exceto pelo preveniente universal, que vem antes, preparando a graça de Deus, que vem a todas as pessoas, presumivelmente bebês ao nascer, capacitando-os a crer. Ele ameniza os efeitos do pecado original em uma área.

Eles são pecadores natimortos, mas isso os capacita a crer. Esta não é uma teologia de trabalho. É uma teologia de fé e graça.

A questão é: é isso que a Bíblia ensina quando fala de graça? Com grande respeito, inclusive do meu antigo aluno, Brian, que escreveu o livro sobre graça preveniente na tradição wesleyana. Brian Shelton. Obrigado, Senhor.

Brian Shelton era um doce homem de Deus. Ele é. Ele foi meu aluno em um seminário evangélico reformado.

Dê crédito a ele. Ele fez um estudo independente comigo sobre predestinação e ainda não estava convencido. Nós nos amamos.

Na verdade, eu disse a ele que ele deveria escrever um livro sobre graça preveniente, e ele o fez. E em sua dedicatória ele o dedicou a duas pessoas, e eu era uma delas. Ao meu professor, o antigo Ira Peterson, que cuidou de mim, me ensinou e discordou de mim.

E me apoiou na escrita deste livro. Algo assim. Ele é um irmão doce.

Ele é um cristão que crê na Bíblia e ama o Senhor. E seu livro precisava ser escrito. Ele também tem alguns pontos fortes reais além da clareza da escrita e da organização.

É forte em teologia histórica. Onde eu acho fraco é na Bíblia. Está em fundamentos exegéticos dessa noção de graça preveniente universal.

Não acredito que a Bíblia ensine isso. Aliás, muitos dos meus amigos calvinistas não entendem que John Wesley não inventou o termo graça preveniente. Santo Agostinho inventou, ou não sei de onde ele tirou isso.

Mas Santo Agostinho a usou. E para Santo Agostinho, a graça de Deus definitivamente vem antes da salvação. Mas ela não é universal.

E não nos coloca meramente de volta a uma situação, a um lugar onde podemos escolher Deus. Para Santo Agostinho, é eficaz e particular. Deus só o dá aos seus eleitos, a quem ele atrai para si pelo Espírito.

Então, embora o arminianismo tenha um ensinamento técnico de incapacidade, na prática, eles não têm. Agora, novamente, este é o melhor. O pior não vê os efeitos do pecado tão mal.

Os arminianismos menores não sustentam a graça preveniente universal. Não pareço ver necessidade disso. Fiquei apenas chateado ao ver Clark Pinnock e o famoso apologista cristão, que escreveu o livro, Chosen But.

Norm Geisler. Esses são homens de Deus. Eu os respeito.

Norm Geisler e Clark Pinnock não ensinam essa graça preveniente universal. Geisler, no livro Chosen But Free, veja o livro de resposta de James White, The Potter's Freedom, diz, sim, somos aleijados pelo pecado, mas não estamos espiritualmente mortos. Ou é isso que a morte espiritual significa em Efésios 2, 1-3.

Oh, meu Deus. Eu amo o homem, respeito seu ministério apologético, mas, cara, eu discordo desse negócio. Tradicionalmente, os arminianos têm mantido essa graça preveniente.

Graça que vem antes, graça preparadora. Graça que anula os efeitos do pecado original em uma área, a vontade humana. Estava presa, agora está livre.

O próprio Wesley escreveu um tratado teológico. Ele escreveu muito. E foi sobre o pecado original.

É assim que era importante para seu sistema de teologia. A graça preveniente universal é uma jogada genial. É a cola que mantém a soteriologia arminiana evangélica unida.

Mas sinto muito, não é bíblico. À primeira vista, a posição arminiana de corrupção herdada parece estar próxima da visão calvinista de imputação imediata, que ainda não defini. É semelhante no começo, mas as doutrinas arminiana e calvinista do pecado original chegam a conclusões diferentes.

Erickson diz que os arminianos sustentam que qualquer culpabilidade e condenação que possam ter sido acumuladas para nós através do pecado de Adão foram removidas através da graça preveniente. Ele cita Orton Wiley, um de seus teólogos famosos. “O homem não é agora condenado pela depravação de sua própria natureza, embora essa depravação seja da essência do pecado. Sua culpabilidade, nós sustentamos, foi removida pelo dom gratuito de Cristo.” Erickson então resume os pensamentos de Wiley.

Citação: esta graça preveniente é estendida a todos e, com efeito, neutraliza a corrupção recebida de Adão. Eu a contraporia, eu a qualificaria, especialmente ela liberta a vontade. De Wiley's *Christian Theology* , volume 2, páginas 121 a 128.

Em nossa próxima palestra, abordaremos a questão das visões calvinistas, pelagianismo, arminianismo e visões calvinistas, e depois disso, avaliaremos uma de cada vez.

Este é o Dr. Robert A. Peterson em seu ensinamento sobre as Doutrinas da Humanidade e do Pecado. Esta é a sessão 17, Pecado Original, Plágio e Arminianismo.